



A origem e decadência do polo produtivo de cerveja no município de Pelotas: um recorte espaço-temporal do século XIX e XX.

William Martins Lourenço, UFPel, willilou@gmail.com¹

Eduardo Schumann, UFPel, eduardoschumann01@gmail.com²

Tiaraju Salini Duarte, UFPel - tiaraju.ufpel@gmail.com³

RESUMO

A história da cerveja no Brasil apresenta-se bastante atrelada a processos migratórios europeus, assim como a origem de sua produção por imigrantes alemães. Neste contexto a produção apresentou-se como uma importante base econômica no país, envolvendo expressiva quantia de capital que elevaram a produção e expansão do mercado, construindo um oligopólio do setor cervejeiro. Descartando-se como polos produtores de cerveja a região Sudeste e Sul do território Brasileiro, além de concentração econômica, as referidas regiões possuíam grande concentração populacional no final do século XIX. O Rio Grande do Sul caracteriza-se como um dos pioneiros na produção de cerveja no Brasil, apontando quatro regiões como grandes áreas de produção emergentes, Vale dos Sinos, Vale do Caí expandindo-se para Porto Alegre e no extremo sul do estado o município de Pelotas. Neste contexto, o presente artigo objetiva analisar a constituição territorial das cervejarias no município de Pelotas no início do século XX. A referida localidade, apresentou-se como um dos principais polos produtivos de cerveja no Brasil neste período. Como base metodológica buscamos uma revisão bibliográfica acerca da formação das cervejarias no Rio Grande do Sul por diversas fontes documentais, como por exemplo: livros, artigos, almanaques, notícias, dados oficiais entre outros. As empresas gaúchas não conseguem barrar a entrada das cervejarias do Sudeste, devido a incapacidade de competir com seu grande capital. A partir das primeiras décadas do século XX ocorre a decadência das cervejarias, as aquisições citadas representam estratégias de domínio territorial e formam uma oligopolização do setor cervejeiro no Brasil.

¹ Autor - Graduando do curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal de Pelotas.

² Coautor - Graduando do curso de Bacharel em Geografia da Universidade Federal de Pelotas.

³ Orientador – Professor adjunto do curso de Geografia da Universidade Federal de Pelotas.

1. Introdução

A história da cerveja no Brasil tem suas raízes no início do século XIX, mais precisamente a partir de 1808, quando vários estrangeiros, em sua grande maioria ingleses, instalaram-se no país. A partir disso, vários produtos, incluindo a cerveja, passaram a ser importadas para o Brasil. Conforme destaca Santos (2004, p. 11) “antes desta data, a cerveja consumida no país, vinha contrabandeada, para o Recife, para o Rio de Janeiro e Salvador” .

O ano de 1808 é emblemático, a vinda da família real para o território nacional, a qual traz consigo várias estruturas físicas, transformando acordos anteriormente vigentes no país. Este evento impacta diretamente na organização sócio-produtiva, tendo em vista que uma das normativas adotadas foi a abertura dos portos para nações “amigas”: “primeiro, que sejam admissíveis nas Alfândegas do Brasil todos e quaisquer gêneros, fazendas, e mercadorias transportadas, ou em navios estrangeiros das potências que se conservam em paz e harmonia com a minha Real Coroa” (Carta régia de 28 de janeiro de 1808. p. 01)

Nessa perspectiva, a Inglaterra no início do referido século, era o maior produtor europeu de cerveja, possuía grande influência comercial e cultural com Portugal, estendendo a mesma a partir de 1808 ao território nacional. Como aponta Santos (2004, p. 13) A cerveja inglesa predominou no Brasil até os anos setenta do século XIX, sendo substituída de maneira gradual pela produção emergente do final da referida temporalidade.

Neste contexto de surgimento de diversas empresas distribuídas por todo o território nacional, alguns municípios constituíram-se como grandes polos de concentração produtiva. Com relação ao estado gaúcho, quatro grandes áreas de produção emergem, Vale dos Sinos, Vale do Caí expandindo-se para Porto Alegre e no extremo sul do Rio Grande do Sul o município de Pelotas, despontaria a partir do final século XIX e início século XX como um dos principais polos produtivos cervejeiro no estado do Rio Grande do Sul.

Com base nessa problematização, a partir da ascensão cervejeira na região e recorte temporal elencado, o objetivo do presente artigo é analisar a constituição territorial das cervejarias no município de Pelotas no início do século XX. A justificativa

para o recorte desta pesquisa centra-se que, a referida localidade, apresentou-se como um dos principais polos produtivos de cerveja no Brasil neste período.

2. Metodologia

Para o desenvolvimento deste artigo, foi estabelecido como procedimento metodológico, no primeiro momento, uma revisão bibliográfica acerca da formação das cervejarias no Rio Grande do Sul. Para realizar esta análise, buscou-se informações acerca do setor por meio de diversas fontes documentais, por exemplo: livros, websites, jornais impressos, revistas científicas, dados oficiais, entre outros. Destacamos que, ao longo da pesquisa, evidenciou-se uma significativa dificuldade em obter fontes documentais e bibliografias relativas a história das cervejarias no Rio Grande do Sul, demonstrando a necessidade de pesquisas sobre este setor no estado.

Após esta revisão, nos centramos na construção de uma análise que visava compreender a construção das cervejarias no município de Pelotas no final do século XIX e início do XX. Neste sentido, foram elaboradas revisões bibliográficas sobre as cervejarias do município no recorte temporal elencado. Como fontes foram utilizadas revistas científicas, trabalhos acadêmicos de diversos níveis, fontes documentais oficiais, recortes de jornais históricos da época, etc. Visando encontrar fontes fidedignas, foi também realizada um trabalho de campo para o levantamento de informações sobre as cervejarias no acervo histórico da Biblioteca Municipal Pelotense, a qual possui um rico acervo de jornais da época.

Como perspectiva teórica, este estudo alinha-se com a Geografia Histórica, na qual busca-se aportes metodológicos para a realização de recortes temporais, a partir das características específicas de cada momento. Neste sentido, visamos compreender as geografias do passado cervejeiro e suas dinâmica, contemplando uma narrativa e, por sua vez, uma análise científica para além da descrição exaustiva e mnemônica dos fenômenos, levando em consideração que a geografia histórica procura analisar a organização espacial de cada momento e, assim, possibilitando construir um olhar crítico sobre o processo temporal.

Por fim, após realizadas as etapas de discussão teórica, também foi elaborado uma espacialização das cervejarias pelotenses, visando demonstra a sua localização e as possíveis relações com outras empresas localizadas em outros municípios gaúchos.

3. Desenvolvimento

3.1 Imigração, crescimento populacional e identidade territorial no Rio Grande do Sul

Em meados do século XIX o Rio Grande do Sul estava isolado geograficamente das grandes metrópoles do sudeste. Logo, o acesso a produtos originários das regiões citadas é dificultada, conseqüentemente, a produção de bens voltados à subsistência no referido estado é de extrema necessidade. Como salienta Herrlein, “a verdadeira unificação da história econômica do Brasil somente começou a se efetivar quando da integração do mercado interno brasileiro, capitalista e industrial, na década de 1950” (HERRLEIN, 2004. p. 176). Historicamente o estado sulista sempre ocupou a posição de celeiro do Brasil, carecendo de produtos que passam por processos de produção mais refinados. Baseando-se nessa conjuntura, temos o nascimento das cervejarias familiares procurando suprir as demandas regionais.

Vinculado a imigração alemã, a partir do século XIX, os primeiros imigrantes do grupo étnico elencado, instalam-se na região denominada Vale dos Sinos, no ano de 1824. Segundo Brum Neto “a cevada, por ser a matéria-prima de fabricação da cerveja, teve incentivos governamentais para sua produção, dentre os quais destaca-se o fornecimento de sementes” (BRUM NETO, 2012, p. 180). A falta de acesso a bens primários na colônia originou vários problemas para sua população, além de estarem situadas longe dos grandes centros, as políticas públicas não cumpriam com o prometido. Apesar de todas essas questões problemáticas envolvendo políticas públicas, as regiões progrediram com o tempo. Este processo de resistência dos imigrantes, que se dá pela manutenção e reprodução de suas simbologias e saberes culturais, como por exemplo, a cerveja, principal foco do presente trabalho. Segundo Haesbaert:

O poder do laço territorial revela que o espaço está investido de valores não apenas materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos. É assim que o território cultural precede o território político e com ainda mais razão precede o espaço econômico. (BONNEMAISON E CAMBREZY, 1996 apud HAESBAERT, 2012, p. 72)

A partir da simbologia cultural ligada ao laço do novo território dos imigrantes alemães é construída uma nova identidade territorial. No primeiro momento a produção de cerveja ocorria em microescala, envolvendo especificamente o âmbito familiar e a fabricação artesanal. A simbologia elencada possui tanta força, e resistência, para esse grupo étnico que o novo território é visto como um ‘construtor de identidade’ (HAESBAERT, 2012). Desse modo, esses imigrantes desenvolvem um vínculo

imaginário com outro momento de sua história, noutra espaço-tempo. O princípio da produção de cerveja no estado do Rio Grande do Sul ocorre no município de São Leopoldo, expandindo-se para toda área do Vale dos Sinos e Vale do Caí.

O movimento de expansão salientado anteriormente deriva do aumento e concentração populacional ao longo da segunda metade do século XIX, como podemos perceber no mapa da população total do Rio Grande do Sul de 1872 (figura 01)

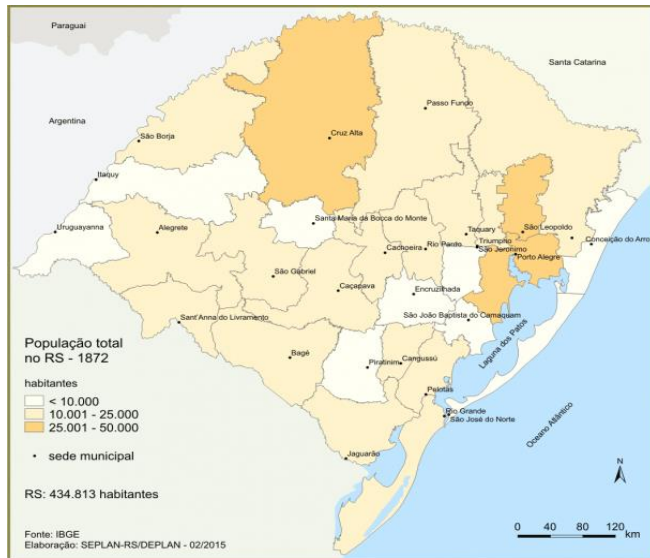


Figura 01: População Total no Rio Grande do Sul - 1872.
Fonte: IBGE - Elaboração: SEPLAN-RS/DEPLAN - 02/2015.

Embasando-se no mapa da população do Rio Grande do Sul em 1872, podemos perceber a concentração populacional nas regiões salientadas anteriormente, como o Vale dos Sinos e do Caí, em conjunto com um aumento dos fluxos migratórios para os entornos da capital Porto Alegre derivados das relações comerciais com a região citada.

Como nos destaca PESAVENTO (2014, p. 46), o comerciante alemão (da região do Vale dos Sinos e Cai, foi o grande beneficiado dentro da estrutura que o Rio Grande do Sul dispunha em termos comerciais, pois:

Lucrava sobre a produção agrícola mediante a diferença obtida pelos produtos na colônia e em Porto Alegre; lucrava com o transporte das mercadorias da colônia à capital e da capital à colônia; lucrava ainda com as operações financeiras de empréstimos e guarda de dinheiro, o que lhe oportunizava um capital de giro para investir.

Destas transformações na estrutura populacional, derivam as mudanças que estariam a porvir no setor cervejeiro, tendo em vista que a bebida passa a ser consumida em maior escala no mercado gaúcho. A partir dessas circunstâncias, percebemos a

passagem de um sistema fabril artesanal familiar, voltado para a subsistência, para uma lógica industrial da produção cervejeira.

A mencionada passagem se dá a partir da formação industrial, emergindo nesse contexto empresas de médio e grande porte no mercado sulino, como por exemplo, as cervejarias fundadas por imigrantes alemães no Rio Grande do Sul. A produção de Friederich Christoffel e Georg Heinrich Ritter (temporalmente localizados na segunda metade do século XIX) são exemplos do pioneirismo produtivo em maior escala da região do vale dos Sinos e Vale do Cai, regiões que estavam inseridas no processo de concentração populacional e aumento do consumo.

3.2 Ampliação de novos horizontes mercantis: o polo industrial Pelotense.

Além da centralidade do mercado consumidor nas localidades citadas anteriormente, ao sul do estado gaúcho emerge um novo polo industrial: o município de Pelotas. Ao longo do século XIX, a elencada localidade foi referência econômica no estado relacionado a produção de charque.

Conforme nos destaca o autor Mario Osório de Magalhães (1993, p. 25 e 26), a consolidação do setor charqueador no município possibilitou a formação de uma indústria poderosa, a qual constitui-se como um dos pilares para a concentração de renda na região. Não podemos deixar de destacar que a consolidação do setor foi possível graças ao significativo uso da mão de obra escrava, a qual foi basilar para a constituição econômica e cultural do município.

O setor charqueador então tornou-se responsável por construir uma dinâmica econômica na região que elevava Pelotas a tornar-se um polo de atratividade populacional. Logo, na segunda metade do século XIX será evidenciado uma maior circulação de capital, a partir das constituição de casas de créditos, estruturação urbana, modernização produtiva, entre outros fatores. Nos relatos do Luís Filipe Maria Fernando Gastão, denominado de conde d'Eu, ao relatar o município de Pelotas nos anos de 1860 destaca que esta seria uma bela e prospera cidade; capital da aristocracia Rio-Grandense (D' EU, 1981).

Pelotas configurava-se como um significativo poder econômico, comparado inclusive a algumas das principais cidades Brasileiras, como Porto Alegre e São Paulo. Esta importância é relatada pela autora Sandra Jatahy Pesavento (2014, p. 47) ao destacar que antes da década de 1880 [...] a indústria concentrou-se preferencialmente em Rio

Grande e Pelotas, visando mais ao abastecimento do mercado nacional do que às necessidades locais. A produção centralizava nos finais da década de 1870 e início do 1880 uma das principais cidades produtivas do Rio Grande do Sul e Brasil.

Neste contexto de crescimento e importância do município para a economia sulina, diversos atores oriundos de outras partes do estado gaúcho vislumbrando encontrar possíveis mercados consumidores para seus produtos. Entre estes destacava-se os produtores de cerveja da região do Vale dos Sinos e Cai, os quais neste momento histórico concentravam capital oriundo de uma expansão produtiva e do comércio com Porto Alegre.

No ano de 1870, no município de Pelotas, seria fundada a cervejaria Carlos Ritter e Irmão, devido a popularidade da bebida em conjunto com a relevância do mercado pelotense. Destaca-se que o capital oriundo desta empresa não origina-se em Pelotas, sendo o mesmo fruto de um deslocamento produtivo do Vale dos Sinos para a região sulina.

A consistência do desenvolvimento econômico gerado pela atividade saladeiril tornou Pelotas uma cidade atraente para investidores e imigrantes. Desse modo, num primeiro momento, estabelecem-se fábricas a partir da rede produtiva baseada no gado (produção industrial de sebo, velas e cal); num segundo momento, porém, Pelotas vê surgirem indústrias independentes do complexo saladeiril, como as fábricas de cerveja, as tecelagens, fábricas de ladrilhos hidráulicos, de carro e carruagens, bem como indústria química e farmacêutica. (CERQUEIRA, 2012, p. 417).

O município foi referência econômica por possuir um mercado consumidor latente e uma concentração populacional, proveniente do grande desenvolvimento econômico da cidade ao longo do século XIX, como aponta o autor elencado. A cervejaria Carlos Ritter e Irmão, segundo Britto “Contava com cerca de 80 operários, três maquinistas e três foguistas, além de outros pequenos cargos, com uma produção de 4,500,000 garrafas de cerveja por ano” (BRITTO, 2011, p. 53). A autora afirma ainda que a origem dessa empresa e sua industrialização, foram de suma importância para a indústria local. No início do século XX a Carlos Ritter e irmão representava uma das maiores cervejarias do Brasil, sendo o maior mercado consumidor o próprio estado do Rio Grande do Sul (ALMANAQUE DO BICENTENÁRIO DE PELOTAS, 2012, p. 312).

A cervejaria, no primeiro momento, instalou-se na Rua 24 de Outubro, atual Rua Tiradentes, sobre a margem esquerda do arroio Santa Bárbara (Figura 02), “em um

casebre situado no interior de um terreno tomado por aluguel a Procópio Gomes de Oliveira” (Almanach de Pelotas, 1913, p. 101). Mais tarde, com o desenvolvimento da fábrica, Ritter transferiu a firma para outro local, situado à Praça Floriano Peixoto (Figura 03), atual Praça Cipriano Barcellos, junto à ponte do antigo arroio Santa Bárbara, sob os números 102 e 104. A cervejaria produzia diversos tipos de cervejas (figura 05) além de

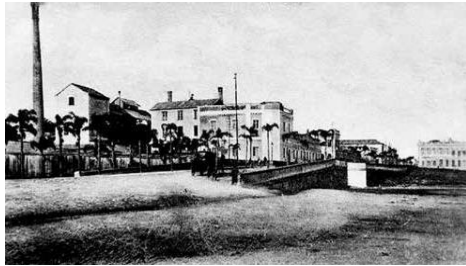


Figura 02: Fábrica de Cerveja Ritter e Ponte de Pedra 1883.
Fonte: Almanaque Bicentenário de Pelotas Volume II - p. 276.



Figura 03: Rua Mal. Floriano, esquina Santos Dumont (Antiga Cervejaria Ritter) – 1903
Fonte: Almanaque Bicentenário de Pelotas Volume II - p. 102

gasosas e gelo.

No ano de 1889, Leopoldo Haertel, outro descendente de alemães proveniente da região de São Leopoldo, muda-se para Pelotas, fundando a cervejaria Sul-Riograndense



Figura 04: Vista do complexo industrial da cervejaria Sul-Riograndense. (1915)
Rua Benjamin Constant. Porto.
Fonte: Almanaque Bicentenário de Pelotas Volume I - p. 276.



Figura 05: Vista dos fundos da Cervejaria Sul-Riograndense, à Rua Conde de Porto Alegre. 1914.
Fonte: Almanaque Bicentenário de Pelotas Volume I - p. 43.

(Figuras 04 e 05)

A indústria estava localizada na região portuária do município, diferentemente da cervejaria Ritter, localizada na região central. A região do porto possuía ponto estratégico no sentido logístico do empreendimento. Apoiando-se em Brito:

A fábrica produzia, nos primeiros anos, 100.000 quilos de gelo e 1.500.000 garrafas de cerveja, gasosa e siphon, ampliando nos anos

seguintes sua produção para 25.000.000 garrafas, sendo 20.000.000 de cerveja. Suas principais marcas eram a Cerveja Peru, Porco e São Luís. Empregava cerca de 60 operários, dois maquinistas, cinco ajudantes de máquinas e um mestre, além de outros cargos administrativos (BRITTO, 2011, p. 54)

Com um mercado consumidor cada vez mais expressivo no estado, a região Sul apresentava significativo crescimento populacional, além disso Pelotas desponta como um dos principais polos produtivos de cerveja no início do século XX. Contudo esta realidade ao longo da segunda metade do século XX iria se transformar.

Para entendermos estas mudanças na indústria cervejeira em Pelotas, é necessário analisar a trajetória da produção de cervejas em escala nacional. Salientamos, no começo do presente artigo, que a cerveja inglesa predominou no Brasil até os anos setenta do século XIX, sendo substituída de maneira gradual pela produção emergente no final do referido século. Dito isso, no último quartel do século XIX, emergem as duas maiores companhias do setor no Brasil: a Companhia Antartica Paulista e a Companhia Cervejaria Brahma.

Em 1885, ocorre a fundação da Companhia Antartica Paulista, no município de São Paulo, a cervejaria anunciava no jornal intitulado “A Província” a venda de seu produto: “Cerveja Antartica, em garrafa e barril, encontra-se à venda no depósito da fábrica, à rua Boa Vista, nº 50” (ANTARTICA, 2018). Em 1888, temos o nascimento da Companhia Cervejaria Brahma, situada no Rio de Janeiro – RJ, estabeleceu-se em uma pequena oficina com o nome de “Manufatura de Cerveja Brahma & Villeger & Companhia”. Após seis anos, em 1894, a Brahma, associa-se com a Cervejaria Georg Mascke & Cia, aperfeiçoando a produção.

Respalando-se em Limberger (2017. p. 98), a origem e expansão destas empresas está relacionada a uma política que tem como principal estratégia a “compra de outras cervejarias concorrentes e de investimentos em novas fábricas em outras regiões do Brasil”. O poder de capital dessas empresas, somado à concentração populacional do Sudeste na época, a maior do país, o aumento do consumo devido a essa característica populacional, e as estratégias de instalação e compras de estabelecimento em diversos estados brasileiros foram fatores cruciais para a expansão destas empresas.

No que concerne a Pelotas, tanto a cervejaria Carlos Ritter & Irmão, como a cervejaria Sul-Riograndense já visualizavam no horizonte a possibilidade de entrada do capital oriundo do sudeste na região. Em uma tentativa de resistência a esse capital

monopolizado, com tendências oligárquicas do Sudeste, as cervejarias citadas uniram-se no ano de 1930, formando a Cervejaria Sulbrasileira (figura 06 e 07), com o intuito de fugir a ofensiva das empresas paulista e carioca.

Mesmo com a estratégia de mercado bem delineada a partir da unificação visando



Figura 06: Rótulo da cerveja Pelotense, da Cervejaria Sul Brasil – 1930.
Fonte: Almanaque Bicentenário de Pelotas Volume II. p. 359.

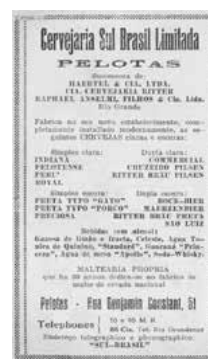


Figura 07: Propaganda da cervejaria Sul Brasil.
Fonte: Almanaque Bicentenário de Pelotas Volume II. p. 381.

lançar uma cerveja, as empresas não conseguem barrar a entrada das cervejarias do sudeste, sendo compradas na década de 1940, devido a incapacidade de competir com esse grande capital. Essas aquisições representam estratégias de domínio territorial construída pelas empresas citadas. As cervejarias gaúchas de maneira geral seguiram a mesma lógica/tendência nacional e foram forçadas a fechar ou cair no anonimato.

4. Conclusão

A produção cervejeira no Brasil apresenta-se, no início do século XIX, como um novo horizonte econômico para o país com a abertura dos portos para as nações "amigas". A vinda da família real mudou a configuração territorial produtiva no país; a introdução de produtos oriundos da Inglaterra, maior produtora de cerveja na Europa, demonstrava os laços estreitos com a coroa portuguesa na época, dominado o mercado brasileiro. Esses dois fatores foram importantes para uma nova configuração produtiva no país.

A cerveja importada foi sendo gradualmente substituída pela produção emergente em diversas localidades, especializadas no território nacional. Inserido neste contexto, foi possível analisar que o estado do Rio Grande do Sul começa uma insipiente produção de cerveja nas regiões do Vale dos Sinos, Vale do Caí, expandindo-se para Porto Alegre e posteriormente no extremo sul, ao município de Pelotas, principal foco do presente trabalho. Logo, buscou-se analisar a constituição territorial das cervejarias no supracitado no final do século XIX e início do século XX, a partir de sua formação enquanto pólo

produtivo. Neste sentido, podemos constatar que Pelotas foi um dos principais centros de produção cervejeira do Brasil no início do século XX, formando uma significativa área fabril.

O movimento de consolidação da produção centra-se principalmente a partir da migração de Alemães (e seus descendentes) da região do Vale dos Sinos e Cai para o município de Pelotas. Estes empreendedores vislumbraram nesta localidade estruturas econômicas e logísticas que poderiam reproduzir seu capital.

A expansão de novos horizontes econômicos para o extremo sul do estado, como vimos ao longo do trabalho, remete-se a centralidade do mercado consumidor e a posição logística que o município possui. Destacou-se que o mesmo acumulava um grande capital econômico oriundo da produção do charque, possibilitando uma formação industrial intensa. Ademais, o mercado consumidor que formou-se ao longo do século XIX e início do XX em conjunto com a estrutura logística do município atraía investidores diversos.

Toda esta estrutura do setor elencado construiu uma potência produtiva cervejeira na região, tornando o município de Pelotas um polo atrativo para expansão de determinadas indústrias emergentes, como por exemplo a indústria cervejeira. Sendo assim, podemos constatar que a produção cervejeira em escala industrial no município não configura-se a partir de capital local, mas sim oriundo de atores externos que vislumbram no município uma possibilidade de ganhos.

A partir desta problematização, podemos evidenciar que na passagem do século XIX para o XX, descendentes de imigrantes alemães provenientes da região do Vale dos Sinos fundam duas cervejarias no município, Carlos Ritter e Irmão e a cervejaria Sul-Riograndense. As duas cervejarias apresentaram-se como duas das principais centros industriais, não só do estado, mas do Brasil em produção.

A partir do primeiro quartel do século XX, novos atores começam a estruturar-se no território nacional, o que transformaria a logística produtiva no decorrer do tempo, trazendo no final das contas um movimento de decadência das cervejarias. Em todos os centros produtivos elencados no trabalho temos a inserção das empresas de capital provenientes do sudeste, as quais adotam estratégias de compra de estabelecimentos no Brasil, com o intuito de criar hegemonia no mercado nacional.

Em um movimento de resistência, podemos constatar uma união de capital das empresas Carlos Ritter e Irmão e a Cervejaria Sul-Riograndense unificando-se a partir da

Cervejaria Sul Brasileira. Contudo, mesmo com esta tentativa, não podendo competir com as empresas Brahma e Antarctica, as empresas Pelotenses acabam sendo adquiridas na década de 1940.

5. Referencial Bibliográfico

ALMANAQUE DO BICENTENÁRIO DE PELOTAS, v. 1. Gráfica e Editora Pallotti, 2012.

BRITO, Natalia Daniela Soares Sá. **Industrialização e desindustrialização do espaço urbano na cidade de Pelotas**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande, 2011.

BRUM NETO, Helena. **Os territórios da imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2012.

CERQUEIRA, F. V.. **Atenas do Sul. Recepção e (Re-)significação do Legado Clássico na Iconografia Urbana de Pelotas (1860-1930)**. In: Luís Rubira. (Org.). Almanaque do Bicentenário de Pelotas, v. 2: Arte e Cultura. Textos de Pesquisadores e Imagens da Cidade.. 1ed.Santa Maria: Gráfica e Editora Pallotti, 2014, v. 2, p. 415-446.

COLLECÇÃO das Leis do Brazil de 1808. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891. Carta régia de 28 de janeiro de 1808. [Abre os portos ao comércio direto estrangeiro com exceção dos gêneros estancados], p. 01.

D' EU, Luís Filipe Maria Fernando Gastão d'Orleans, Conde. **Viagem militar ao Rio Grande do Sul**. Belo Horizonte: Itatiaia ; São Paulo: EDUSP, 1981.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HERRLEIN, Ronaldo Jr. **A transição capitalista no Rio Grande do Sul, 1889-1930: uma nova interpretação**. Economia e Sociedade, Campinas, v. 13, n. 1 (22), p. 175-207, jan./jun. 2004.

LIMBERGER, Silvia Cristina. **A emergência de microcervejarias diante da oligopolização do setor cervejeiro (Brasil e Espanha)**. Revista *Finisterra*, Lisboa, LII. 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Historia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.